

**A DERIVA AMERICANA DE DOUGLAS COUPLAND EM
GERAÇÃO X, A VIDA DEPOIS DE DEUS E INFORS CRAVOS**

Clara Sarmento

CEI - Centro de Estudos Interculturais

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

clarasarmento@gmail.com

Na trilogia *Geração X – Contos para uma Cultura Acelerada, A Vida Depois de Deus e Inforscravos*¹ (1993-1995), Douglas Coupland compõe o retrato simultaneamente trágico e cómico da América contemporânea, pelos olhos de uma geração algures entre os vinte e os trinta anos, ainda em busca do seu lugar no mundo. Uma geração dispensada pelas circunstâncias históricas de contestações e militâncias mas tacitamente marginalizada face ao *establishment* pessoal, económico e social. Na obra de Coupland, a vida parece insistentemente plural, paródica, ficcional e sem qualquer objectivo ou substância. No entanto, a sensação imanente de deriva liberta a saga desta geração, tornando-se possível enquadrá-la no caos de qualquer sociedade urbana pós-moderna.

Andy, Claire e Dag, o trio central de *Geração X* (obra primeira que põe à disposição do leitor todo um léxico, a memorizar, de irónicos conceitos pós-modernos), despediram-se de uma existência sem objectivos e mudaram-se para o deserto da Califórnia, na direcção do eterno sonho algures a Oeste, em busca de alterações drásticas que trouxessem algum significado às suas vidas. À margem do quotidiano colectivo, dividem o tempo entre os seus empregos de circunstância e a narração de histórias divertidas e perturbadoras, onde cruzam a ameaça nuclear, a *pastiche* histórica e a cultura de centro comercial.

¹ Neste ensaio, foram utilizadas as versões portuguesas da editorial Teorema, com tradução de Telma Costa, de 1994 e 1995. Posteriores referências às obras serão assinaladas no texto através das siglas GX, VDD e IF, seguidas das respectivas páginas.

Um dos conceitos mais irónicos desenvolvidos por Coupland é o da “nostalgia a curtíssimo prazo” ou “Saudades de um passado extremamente recente: *Santo Deus, como tudo parecia melhor na semana passada*” (GX 108), em que o único tempo onde parece valer a pena viver é o passado e o único tempo que pode vir a ter algum interesse é o futuro. A primeira angústia desta geração é a impossibilidade de, ao atingir a idade adulta, seguir uma vida verdadeiramente independente, pois os empregos estáveis e bem remunerados escasseiam e a habitação atingiu preços insustentáveis. Em *Geração X* encontramos o *cartoon* “Oh, pai, ou se tem casa ou se vive... Eu estou a viver” (GX 156), assim como a epígrafe “São meus filhos. Adultos ou não, não os posso pôr fora de casa. Seria cruel. E além disso, cozinham bem que se fartam”. O grupo de *Infoscravos* habita e trabalha, em estreita convivência, na casa paterna do narrador. É o “Redismo: crença em que haverá sempre uma rede financeira e afectiva de segurança para amortecer as feridas do viver. Geralmente são os pais” (GX 42). As relações afectivas ressentem-se disso mesmo: mais cultos, escolarizados e informados do que as gerações que os precederam, a geração X vive o profundo contraste entre essa preparação e os empregos a que têm – quando têm – acesso (como mensageiro ciclista, gancheira de escritório, *barman* ou vendedor ambulante). São aquilo a que Douglas Coupland chama, com uma capacidade de síntese notável e logo nas primeiras páginas de *Geração X*, os *macjobs*: “Emprego mal pago, sem prestígio, sem dignidade, sem lucros, sem futuro, no sector dos serviços. Frequentemente considerado uma opção de carreira satisfatória por pessoas que nunca tiveram nenhuma”; “Má paga, má fama, mau lucro, mau futuro” (GX 11). A maior parte destes jovens são náufragos dos anos oitenta, membros do *jet-set* dos pobres, formando um ecossistema humano à escala global.

Instalada a crise económica, os espectros do desemprego, dos contratos a prazo e da improbabilidade de uma carreira determinam a mudança de hábitos e a consequente transformação das mentalidades. Os sonhos da adolescência desvanecem-se, conduzindo àquilo a que Douglas Coupland chama “crise dos 20-e-tal”, ou melhor, “período de derrocada mental que tem lugar pelos vinte e tal anos, muitas vezes causado por uma incapacidade de funcionar fora da escola ou dos ambientes estruturados, associada à consciência da solidão quase completa. Assinala com frequência a propensão para o ritual do uso de fármacos” (GX 35). Os personagens são caracterizados como “Morto aos 30 Enterrado aos 70” (GX 37). O fim da utopia *yuppie* não conduz, contudo, à emergência de novos valores, de novos ídolos ou de uma nova fé. Na medida em que o futuro é negro, em que a trajectória para a vida adulta é mais longa do que nunca, a

geração X aposta no presente, num investimento expresso essencialmente na valorização do consumo e da diversão.

Em redor das personagens, reais ou de ficção, paira uma evidência fantástica do consumo e da abundância, criada pela multiplicação de objectos, serviços e bens materiais, o que origina uma nova categoria fundamental no ecossistema humano. A opulência encontra-se rodeada por objectos, do mesmo modo que a escassez se oculta sob a feroz ostentação de comportamentos excêntricos e individualizantes. O paraíso urbano da classe média em *A Vida Depois de Deus* está fechado no seu próprio sonho de vida ao ar livre e elegância *hightech*. O conjunto das relações sociais já não é tanto a ligação com os semelhantes quanto a recepção e a manipulação de bens, informações e mensagens (por telefone, fax e internet), desde a complexa organização doméstica, com as suas dezenas de escravos tecnológicos, até ao mobiliário urbano e à maquinaria que sustenta as comunicações e as actividades profissionais. E quem são os verdadeiros escravos da técnica? O título *Inforscravos* é significativo, anunciando a descrição irónica das infundáveis horas de trabalho frente ao teclado, a sacralização do PC, a transformação de seres humanos em “tecnóides” ou o endeusamento de Bill Gates.

O objecto é celebrado permanentemente na publicidade e nas centenas de mensagens diárias emitidas pelos *mass media*, satirizados nos *slogans*-títulos de imprensa que juncam *Geração X*. Claire habita um formigueiro de quinquilharias vagamente obsessivas e Dag sofre psicodramas simbólicos alimentados por objectos nocturnos (carros vandalizados) que vêm invadi-lo nos próprios sonhos. É o lado perverso dos objectos e da obsessão pelos objectos, que se materializa na prenda macabra (o frasco com areia radioactiva) que Dag traz de Alamogordo para Claire. O *horror vacui* justifica a atenção minuciosa pelo objecto em *Geração X*, celebrando o preenchimento do vazio, seja ele doméstico-individual ou urbano-colectivo. Daí, o cuidado posto na descrição dos cenários das novas fábulas criadas por Andy, Claire e Dag, ou o papel fulcral dos supermercados e dos centros comerciais na cultura pós-moderna.

Ao investir todas as energias no presente, a experimentação torna-se um factor de máxima importância para a socialização do indivíduo: “Larga tudo. [...] Faz tábua rasa. Deixa de pensar na vida” (GX 45). Os complexos personagens de Coupland mergulham em processos voluntários de auto-fragmentação, na esperança de, ao juntarem de novo os seus pedaços dispersos, se tornarem pessoas diferentes. Encontramos nestas narrativas inúmeros exemplos de “experiências” no seu sentido

mais lato: os desaparecimentos e as deambulações sem rumo de Dag e a improvisada viagem final para o México em *Geração X*; as sucessivas adesões à droga, pornografia e fanatismo religioso de Dana em *A Vida Depois de Deus*; os esteróides e o *bodybuilding* de Todd e Dusty em *Inforscravos*. Experimentam-se trabalhos, formas de vida, profissões, mas também relacionamentos. Surgem então as relações pouco duradouras, em que o grupo de amigos da mesma geração substitui a família, com quem se tornou impossível comunicar.

A geração X está desencantada, céptica, e a ingenuidade de investir a sua fé num qualquer ídolo não lhe foi permitida pelo relativismo reinante. Douglas Coupland sabe-o e satiriza-o em *Inforscravos*, no já referido altar ao PC e a Bill Gates, no culto das empresas de *software* de Seattle ou na obsessão por certas séries *soap* de televisão. Em *Geração X*, encontramos elevadas a conceitos experiências que julgávamos insignificantes demais para serem sequer recordadas: os *macjobs*, o medo de expressar emoções, o conceito de “presunção do divórcio” (GX 42), entre outros motivos estranhamente familiares.

A incapacidade de sentir as coisas e os seres traduz o novo desespero que fere um número crescente de personagens, caracterizado por um mal-estar difuso e invasor, um sentimento de vazio interior e de absurdo existencial. Os sujeitos já não sofrem de sintomas fixos, mas antes de perturbações vagas que radicam num vácuo emotivo, ilustrado pelo deserto onde escolheram viver as personagens centrais de *Geração X* e onde se perde o já de si perdido protagonista de *A Vida Depois de Deus*. Os indivíduos aspiram a um cada vez maior desapego emocional, em razão dos riscos de instabilidade que as relações pessoais acarretam, pelo que mantêm relações interindividuais que não implicam uma ligação profunda, evitam a vulnerabilidade, desenvolvem uma extrema independência afectiva, vivem sozinhos. *Inforscravos* destaca este tema, desde o receio pelo sentimento demasiado humano e intenso que Dan desenvolve por Karla, até ao culto desmesurado da força física de Dusty e Amy. Susan experimenta uma relação de atracção e repulsa extremas pelo sexo oposto, na sua necessidade, também ela extrema, de se sentir desejada, sempre toldada pelo espectro da subjugação, e que compensa com a agressividade e a formação do radical Clube Gax. Todd recusa os vínculos de uma ligação afectiva e da paternidade; Karla não aceita o próprio corpo, repositório de todas as fraquezas, e nega-o através da fome; Ethan encarna a fragilidade humana, no seu corpo minado pelo cancro. Tudo isto movido pelo medo da decepção, das paixões incontroladas, pela fuga perante o sentimento, processo que se manifesta tanto na

protecção íntima como na pretensa separação entre o sexo e o sentimento. O pudor sentimental é exigido por um princípio de economia e de sobriedade, constitutivo do processo de individualização. Deste modo, é menos a fuga perante o sentimento que caracteriza o nosso tempo do que a fuga perante os sinais de sentimentalidade. Em *Inforscravos*, através da *net*, trocam-se anúncios sentimentais anónimos e assexuados, partilhando esperanças de encontros, de ligações, de amor, que paradoxalmente se realizam com cada vez maior dificuldade. E é aqui que o drama se torna mais profundo do que aquilo que o pretenso despreendimento *cool* parece veicular: homens e mulheres continuam a aspirar tanto como antes à intensidade emocional das relações únicas, mas quanto mais forte é a expectativa mais rara parece tornar-se a fusão ou, em todo o caso, mais breve.

Douglas Coupland retrata com ironia ambos os lados desse drama: Amy, a mais agressiva fêmea de *Inforscravos*, encontra o seu primeiro amor através do *e-mail* trocado com Michael e o noivado anuncia-se uma semana depois. Dusty, a musculada *iron-rose*, esquece o ginásio e os esteróides aquando do nascimento da filha, passando a alternar o êxtase maternal com acessos de apetite desmesurado. Já Claire e Tobias de *Geração X* representam o desencontro completo entre fruição sexual e afecto, enquanto que os temas do divórcio, da solidão, da ansiedade e do desencanto dominam todas as experiências da amarga *A Vida Depois de Deus*.

Em *A Vida Depois de Deus*, o autor debruça-se sobre algo tão complexo como a busca de uma certa forma de espiritualidade por parte de uma geração criada sem referências religiosas. À medida que as personagens envelhecem, a beleza e os desencantos do mundo vão temperando as suas almas. Douglas Coupland questiona a possibilidade de desenvolvimento dos impulsos religiosos individuais, num mundo de centros comerciais, televisão e *hamburgers*, formulando um conjunto de interrogações essenciais à espécie humana, que jamais encontrarão resposta adequada, sem o recurso a uma entidade transcendente.

Uma dessas questões vitais é a do terror nuclear, que revela “a morte da imortalidade”, de acordo com as palavras de Adorno, e nas quais se resume a ruptura da modernidade. O tempo da história abre-se à acção humana autonomizada, produzindo o seu próprio sentido imanente, para lá de qualquer recurso a uma transcendência eterna. Esta proclamação de auto-legitimidade dessacraliza o lugar do poder. Frente ao perigo do aniquilamento final, é a própria essência da humanidade que é desafiada pelo terror do apocalipse. E este é, também, um fenómeno verbal, pois o terror atinge o seu

máximo de rendimento quando se reforça com um discurso que anuncia a sua chegada e comenta os seus resultados. Depois de Hiroshima, escrita e pensamento são confrontados com este horizonte que diabolicamente os ultrapassa e mina. Daí o fantasma do “clarão”, omnipresente na escrita de Coupland: “O feixe de luz que cega!”, “Aquela mesma nuvem com que eu sonhava regularmente desde os meus cinco anos, desavergonhada, expandida e maligna” (GX 146 e 196). O conceito de “grau zero mental” será o “ponto onde nos situamos a imaginar a bomba atômica; com frequência, um centro comercial” (GX 71). O medo nuclear origina as histórias de fugas precipitadas para o Utah, em carros doirados, carregados de água e comida enlatada, descritas em *Geração X*. O medo nuclear concebe as histórias delirantemente macabras de “Falamos os mortos” em *A Vida Depois de Deus*: “Estava junto do frigorífico, na cozinha” [ou no cabeleireiro, no trânsito em hora de ponta, no hipermercado, no escritório, em qualquer um dos espaços-ícones da pós-modernidade] quando aconteceu [...] A janela da cozinha rebentou para o lado de dentro, toda a brilhar e a deitar chispas, como os enfeites da árvore de Natal, o liquefactor esmagou-se contra a parede, os recados Post-it no frigorífico incendiaram-se e eu morri” (VDD 93). Esta é uma manifestação de cruel onipotência, mas por mãos humanas, tão irracional e inexorável como o Deus que a geração X não precisou de conhecer, que emerge sob a forma de clarão mortífero, de luz que mata, vinda do céu. No mundo de Coupland, que aguarda o cataclismo nuclear a todo o instante, a ameaça concretiza-se, entretanto, através do sol que gera a doença mortal (“O Sol é o Teu Inimigo”, assim se intitula o primeiro capítulo de *Geração X*).

Perante o desconhecido, que fascinou a geração dos pais, os homens e as mulheres da geração X vislumbram a liberdade mas também a angústia, que rapidamente deixa de ser meramente filosófica para atingir todo o quotidiano insatisfatório. Mas a visão de Coupland inclui sempre a hipótese redentora, pois o naufrágio de Deus habita o interior do reencontro com Ele, sob as mais diversas formas. *Geração X* fecha com o comovente encontro entre Andy e um grupo de adolescentes deficientes, em extática observação do vôo de uma garça branca sobre um campo queimado (GX 197-199). Em *Inforscravos*, os personagens centrais terminam em total harmonia, projectando feixes de luz para o céu nocturno, “até ao fim de um universo em que a precisão tecnológica corre tão bem” (IF 379). *A Vida Depois de Deus* oferece-nos o final simultaneamente mais ambíguo e mais conclusivo, pois ignoramos o destino do protagonista, que se deixa arrastar pelas águas geladas de um rio, no coração da floresta

canadiana, enquanto acedemos ao seu segredo: “O meu segredo é que preciso de Deus” (VDD 258). O regresso à natureza, a um passado de inocência adâmica pré-civilizacional, parece evocar a nostalgia do sonho americano, do desejo de reencontrar uma nova *wilderness* algures num Oeste inatingível, para estes filhos dos filhos dos pioneiros.

A sociedade moderna era conquistadora, crente no futuro, na ciência e na técnica; instituiu-se em ruptura com as hierarquias, com as tradições e os particularismos, em nome do universal, da razão, da revolução. Esse tempo desfaz-se diante dos olhos do leitor de Coupland e é contra tais princípios que as sociedades contemporâneas se estabelecem, nessa medida também pós-modernas, ávidas de identidade, de diferença, de conservação e de realização pessoal imediata. A confiança e a fé no futuro dissolvem-se, assim como a crença no progresso, no laicismo, nas vanguardas e particularmente no *American way of life*. O optimismo tecnológico desmorona-se, enquanto as inúmeras descobertas da ciência são acompanhadas pela degradação do meio ambiente e pelo apagamento progressivo do indivíduo. Nenhuma ideologia política parece ser capaz de inflamar as multidões, a sociedade pós-moderna não possui ídolos ou tabus, nem guarda qualquer imagem gloriosa de si própria nem nenhum projecto histórico mobilizador. Doravante é o vazio que a governa, segundo a noção desenvolvida por Gilles Lipovetsky (1989). Como consequência, a cultura dos anos oitenta tornou-se numa cultura da nostalgia, que recria o passado como forma de encontrar algo novo no futuro. *Geração X* desenvolve esse princípio, desde a própria epígrafe: o *cartoon* “Espera aí, Brad... O meu cabelo ainda não está bem anos quarenta” (GX 101) tornou-se num dos *ex-libris* da geração X, dando sequência ao conceito de “colheita da década”, enquanto “combinação indiscriminada de dois ou mais artigos de várias décadas de modo a criar um toque pessoal” (GX 23).

O humor preenche uma dupla função democrática e redentora: permite ao indivíduo desligar-se, ainda que pontualmente, da imposição do destino, das evidências, das convenções, afirmando com ligeireza a sua liberdade de espírito e, ao mesmo tempo, impede o *ego* de se levar a sério, de forjar uma imagem elevada de si próprio, de se manifestar sem autodomínio. O humor pacifica as relações entre os seres, desarma os motivos de fricção, conservando a exigência da originalidade individual. As personagens de Coupland nunca se levam a sério, há um toque de humor irónico mesmo nas histórias mais dramáticas. O brinquedo Lego domina *Inforscravos*, estendendo um humor muito próprio até cenas de outro modo dolorosas. Nas fábulas apocalípticas ou

da mítica Texlahoma, em *Geração X*, nunca falta a nota humorística ou o cómico desengano, desde os ridículos detalhes dos últimos momentos dos clientes de um supermercado antes do apocalipse nuclear (“31 de Dezembro de 1999”) até à história do astronauta Buck, transformado em “monstro adormecido” e somente resgatável pelas “ondas de radiação emitidas por uma mulher apaixonada” (“Comprar não é criar”).

Tal como as histórias de Coupland, a América é, aos seus próprios olhos, uma ficção eterna, em constante mutação, onde os sonhos se tornarão, um dia, verdade, pelos mais fantásticos meios. Um lugar onde a ficção governa e onde foram assimilados os principais ícones da história e da cultura mundiais, apagando os referentes de todas as imagens. A realidade económica e social pós-moderna condiciona a ficção com que a geração X enfrenta a América que herdou e que se manifesta através de “contar histórias e assim fazemos das nossas vidas romances dignos de serem contados” (GX 15). Uma ficção desmistificadora e irónica, que descanoniza os códigos, convenções, instituições e autoridades da América, enquanto *city upon a hill*. A visão transmitida é indeterminada, fragmentada, pois os sujeitos vivem na incerteza moral e material que determina os seus comportamentos e histórias aparentemente paradoxais ou desconexos.

A geração X problematiza a realidade, na qual deixou de confiar, sem a poder ainda solucionar, pois a crise constante negou-lhe os meios materiais para o fazer. Resta-lhe, assim, a ficção, através da qual recria a nova América pós-moderna, aguardando apenas que esta venha a revelar-se, também para si, a terra prometida... esteja ela no deserto, na floresta ou em Silicon Valley.

Referências:

COUPLAND, Douglas. *Geração X – Contos para uma Cultura Acelerada*. Lisboa: Teorema, 1994.

COUPLAND, Douglas. *A Vida Depois de Deus*. Lisboa: Teorema, 1994.

COUPLAND, Douglas. *Inforscravos*. Lisboa: Teorema, 1995.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio*. Lisboa: Relógio d’Água, 1989.